



A Formação e Seguimento do Grupo Agroecológico Girassol do Assentamento Madre Cristina, Ariquemes, Rondônia

Formation and Sequence of Girassol Agroecological Group, Madre Cristina Settlement, Ariquemes, Rondônia

DINIZ, Andréia Dias¹; ARANTES, Ana Carolina Vitorio²; ALMEIDA, Kárita Cristina Ferreira de.

¹ Gestora Ambiental, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Ariquemes, RO, andreiadias.diniz04@hotmail.com; ² Bióloga, Núcleo de Extensão e Desenvolvimento Territorial Vale do Jamari, Ariquemes, RO, anacv.arantes@gmail.com; ³ Pedagoga, Núcleo de Extensão e Desenvolvimento Territorial Vale do Jamari, Ariquemes, RO, karita-cris@hotmail.com.

Resumo: O presente relato de experiência evidencia o processo de formação e organização do Grupo Agroecológico Girassol, do Assentamento Madre Cristina, procurando divulgar as atividades desenvolvidas pelo grupo, como forma de disseminação da agroecologia entre os pequenos agricultores. As informações foram obtidas através de conversa informal com integrantes do grupo e com uma das autoras deste relato. A criação e prática do grupo de produção agroecológica Girassol permitiu a melhoria do meio ambiente, da alimentação e a independência financeira das famílias. A união dessas famílias deu mais credibilidade e força para o alcance dos objetivos coletivos. Dessa forma, os agricultores recomendam a prática e uso de técnicas agroecológicas, especialmente através das diversas maneiras de união de agricultores.

Palavras-chave: alimentação saudável, coletividade, meio ambiente.

Abstract: This experience report shows the process of formation and organization of Agroecology Group Girassol, from the settlement Madre Cristina, looking publicize the activities developed by the group as a means of dissemination of agroecology among smallholders. The information was obtained through informal conversation with members of the group. The creation and practice of agroecological production group Girassol allowed the improvement of the environment, food and financial independence of the families. The union of these families gave more credibility and strength to achieve the collective goals. Thus, farmers recommend the practice and use of agroecological techniques, especially through the various ways of farmers union.

Keywords: collectivity, environment, healthy eating.

Contexto

Desde o início, quando o Madre Cristina ainda estava em acampamento se pensava em um modo de produção agrícola que não prejudicasse quem consumisse os alimentos ali



produzidos. Resultado da realização de grupos de estudos sobre saúde e sistemas agroflorestais, por exemplo, com os acampados, por parte do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que sempre se preocupa com a vida do ser humano e incentiva a produção agroecológica em suas organizações, valorizando também as relações sociais. Assim, os acampados foram descobrindo que preservação da natureza é o melhor caminho para os aspectos ambientais, sociais e econômicos, resultando na melhoria de qualidade de vida. Dessa, forma, no acampamento Madre Cristina tinham pessoas que buscavam outra forma de produção, alguns estudavam técnicas agrícolas, agronomia, outros tinham conhecimentos sobre saúde do ser humano, plantas, animais através de métodos bioenergéticos e homeopatia. Naquele tempo já se ouvia falar em agroecologia e produção orgânica. Logo as famílias acampadas sentiram a necessidade de se reunirem para conversar sobre uma possível junção por meio de um grupo de produção agroecológica.

Descrição da Experiência

Algumas pessoas do acampamento Madre Cristina, organizado no ano de 1998, localizado na RO-257 km 15, travessão B65, antiga fazenda Tupi, no município de Ariquemes, Rondônia, participaram de cursos sobre o assunto promovidos pela Comissão Pastoral da Terra (CPT). Em meados do ano de 2007, formou-se um grupo agroecológico informal, composto por doze famílias, ocorrendo, até aquele momento, apenas reuniões entre essas famílias, acerca da forma de organização das atividades do grupo. Duas dessas famílias começaram com uma pequena horta perto do acampamento, como experiência individual, visando melhorar a alimentação, porém sempre dialogando sobre a união do grupo agroecológico para o futuro assentamento. Quando as famílias receberam o crédito inicial do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) no ano de 2009, as famílias do Grupo Agroecológico Girassol tiveram a ideia de juntar um pequeno valor desse crédito de cada família do grupo para comprar materiais que servissem a todos do grupo. Foram comprados roçadeira, motosserra, animal para carga e trabalho e outras coisas mais. No entanto, não era o bastante para atingirem seus objetivos. Na transferência de acampamento para o assentamento Madre Cristina, as famílias se reuniram no intuito de trabalhar a ideia de como poderia funcionar esse grupo: se era coletivo, semicoletivo, ou forma de trabalho como mutirão entre o grupo. Foi feita uma horta mandala entre algumas famílias do grupo, no entanto, não houve prosseguimento deste cultivo, visto que as ideias entre diversas pessoas podem variar. Ao longo do tempo, com as lavouras de cacau e outros cultivos produzindo, viu-se a necessidade de montar uma agroindústria no assentamento para despolar as frutas. Sua construção foi iniciada, mas devido ao pouco recurso financeiro das famílias e as escassas e ineficientes políticas públicas favoráveis para fins coletivos são de difícil acesso, a agroindústria ainda não está finalizada. Das práticas do grupo participaram agricultores de outros assentamentos, para troca de experiências sobre formas de produção, melhoramento do solo, controle biológico, etc., além da CPT que deu cursos para as famílias que se interessavam. Atualmente, dentre as principais dificuldades encontradas pelo grupo estão a falta de mão de obra e de recursos financeiros para a realização de suas atividades agroecológicas. Frente às essas dificuldades, o grupo se reúne entre si e com outros grupos de produção para discutir e resolver as questões, como por exemplo, a comercialização dos produtos, a construção da agroindústria e a certificação de produção agroecológica para outras famílias aptas a receber o mesmo certificado.

Resultados

O Grupo Agroecológico Girassol há algum tempo conversava para conseguir o certificado agroecológico participativo juntamente com Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER - RO), Ministério do Abastecimento, Pecuária e Agricultura (MAPA), Comissão Executiva de Planejamento da Lavoura Cacaueira (CEPLAC - RO) e outras instituições, como forma de valorizar a produção e melhorar a renda das famílias do grupo. Em julho de 2016, o grupo recebeu o certificado de produção agroecológica. Atualmente, as cinco famílias do grupo relatam a melhoria em aspectos ambientais, como água, solo, controle biológico, etc. Também nota-se melhoria na saúde das famílias, através da alimentação saudável, além de independência financeira, ao produzirem grande parte do alimento consumido nas casas e da venda de produtos do grupo agroecológico, que são procurados por moradores da cidade, os quais desejam se alimentar de produtos agroecológicos, como hortaliças, legumes, tubérculos, frutas, amêndoas e produtos de origem animal (FIGURAS 1, 2 e 3). A prática exercida pelo Grupo tem evidenciado como a Agroecologia pode atender ao mercado alimentício local, à autossuficiência alimentar das famílias agricultoras, como afirma Altieri (2012), e ainda evidencia as formas de cultivo agroecológicos como meios de recuperação de ambientes degradados, devido às interações biológicas presentes entre os componentes naturais e os do agroecossistema (*ibid.*). Os agricultores do Grupo Agroecológico Girassol têm a pretensão de passar as experiências adquiridas pelo grupo para os filhos e jovens do assentamento, como forma de propagar a agroecologia para as futuras gerações. O grupo também tem interesse em realizar atividades de ecoturismo e turismo rural no Assentamento Madre Cristina para a divulgação da agroecologia e como forma de educação ambiental. O grupo recomenda a produção agroecológica, por ser viável financeiramente, além de ser benéfica para o meio ambiente e os seres vivos, incluindo o ser humano.



Figura 1. Produção de mel de abelha-europa (*Apis mellifera*). Agricultor Valdir Balbino Diniz.



Figura 2. Produção de três variedades de batatas-doces agroecológicas. Agricultora Aparecida Dias de Oliveira Diniz.



Figura 3. Oficina de preparação de compostagem e biofertilizante, realizada no espaço de integrante do grupo.

Da produção de abelhas-europa (FIGURA 1), são retirados o pólen, o mel e o própolis, para consumo doméstico e para comercialização. Alguns agricultores do grupo também possuem produção de abelha-jataí (*Tetragonisca angustula*) nativa, que produz mel de sabor apurado, alto valor nutricional e de fácil monitoramento. Essa espécie depende de plantas com flores para sua produção de mel e pólen, como: arranha-gato, feijó, assa-peixe, arnica, cipó-vick, breu, milho e girassol. Dessa forma, a presença dessas espécies botânicas próximas às áreas de produção de abelhas, favorecem o equilíbrio do agroecossistema, visto que as



abelhas realizam a polinização das flores. Em relação à produção de batatas-doce (*Ipomoea batatas*) (FIGURA 2), primeiro faz-se os canteiros, podendo ser colocados forragem e pó de serra, para manter umidade e fertilidade do solo. Planta-se as ramas de batatas no período de lua minguante ou nova para menor aparecimento de brocas. Essas ramas de batatas são plantadas próximas ao sistema de irrigação para manter a umidade. O tempo de plantio até a colheita é de três à quatro meses, no sistema de rotação de cultura, com intervalo de quatro à cinco meses. Nesse período são plantados outros tipos de culturas, como: quiabo, milho, feijão de corda, etc. É utilizada uma área de 4800m² no sistema de irrigação e são produzidos aproximadamente 3500 kg de batata-doce por ano. Para a produção do composto (FIGURA 3), são necessários os seguintes materiais orgânicos, se presentes na propriedade: palhas, folhas, capim seco, esterco, restos de cozinha, cinza ou cal, urina de bovino, bagaço de cana, caule e folha de bananeira e água. Primeiro limpa-se o espaço que vai montar a composteira. Após isso, colocar uma boa camada de palha seca. Depois é colocado o esterco dos animais, sempre molhando com bastante água. Colocar palhas de café, mais palhas e esterco e assim por diante, além da urina de vaca. Na última camada colocar a palha novamente. Colocar três canos ou bambu de 1,8 m de comprimento para arejar a pilha do composto, ou o quanto necessário. Colocar também uma barra de ferro no meio do composto para verificar a temperatura. Depois de algumas horas conferir se essa está quente a ponto de não suportar, é preciso jogar mais água até atingir uma temperatura amena. Após ter feito o composto, ver umidade e se preciso molhar de vez em quando. Revirar o composto de 15 em 15 dias. O composto estará pronto no período de 60 à 90 dias.

Referências

ALTIERI, M. **Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável**. São Paulo, Rio de Janeiro: Expressão Popular, AS-PTA, 2012. 400p.